

"HOJE CONVIDAMOS MLP"

- . entrevistista
- . Joana "Linha do Sul"

Fundação Cuidar o Futuro



Ribeirão novo
n.º de Baixo

ano 4 / n.º 24 / JULHO 83

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

Ambassadeur du Portugal auprès de l'Unesco

Fundação Cuidar o Futuro

126, AVENUE DE SUFFREN
75015 PARIS

TÉL. 567-97-41

Pinhal do Sul



BOLETIM da Cooperativa de Consumo Popular Pinhalnovense, CRL

ANO II — N.º 24 — JULHO/83

MENSAL — 10\$00



PORTE
PAGO

MORADORES DO TERRIM CONSTROEM ESCOLA

O Terrim é actualmente um dos lugares mais carenciados da Freguesia de Pinhal Novo. Só muito recentemente foram abertos e melhorados os principais caminhos e se começaram a estender um pouco por todo o lado os postes e as linhas eléctricas. E mesmo isso fica a dever-se em grande parte ao dinamismo e ao entusiasmo da Comissão de Moradores local, uma das mais activas e exemplares de todo o concelho.

O centro das atenções das gentes do Terrim é, no entanto, a sua Escola Primária. Uma verdadeira aventura a que os moradores meteram ombros e estão firmemente decididos a levar por diante. Aventura que, diga-se, para quem não conhece este recanto da nossa Freguesia, poderá parecer perfeitamente incompreensível.

— Então as pessoas resolveram construir elas mesmo uma Escola Primária? Como é que isso é possível?

“É cá um determinado orgulho que a gente tem.” Procura

explicar o Américo Valente, um dos membros da Comissão de Moradores do Terrim. “O pessoal daqui pode levar muito tempo a tomar uma decisão, mas quando mete uma coisa a peito, tem de ir até ao fim, custe o que custar.”

E se custa! “Nós somos quase todos operários. Mas quando voltamos do trabalho temos ainda a nossa fazendazita para amañhar. Que a nossa vida é assim.” — diz-nos com um sorriso franco outro membro da Comissão, o António da Silva Costa. É depois de tudo isso que se tem de arranjar tempo e força para trabalhar na Escola. E volta não volta ainda há tempo para se fazerem uns bailes, onde o pessoal se diverte e onde se vão arranjanado fundos para a mão-de-obra que seja necessário pagar. Porque os materiais, esses vêm da Câmara. E aí começa a história maravilhosa da Escola do Terrim.

(Continua na pág. 4)

hoje convidamos
LOURDES PINTASILGO

PÁG. 5



O que fica por dizer

Além do que aqui, neste número, fica dito, sentimos que tantas e tantas coisas ficaram por dizer. Não falámos do final do 5.º Encontro Distrital de Bandas de Música, realizado em Palmela em 19/6/83 e isso merecia longas considerações. Não falámos das últimas actividades da Associação de Regantes da Fonte da Vacca e tivemos os nossos colaboradores em cima do acontecimento. Também não é ainda que falaremos da 4.ª edição do simpático Rally alegre que é já, à sua medida, um cartaz da nossa terra.

E poderíamos dizer tanta coisa dos Santos Populares dos Bombeiros, das digressões dos Pequenos Cantores e da Banda da SFUA, como dos planos da Junta de Freguesia e das actividades da Câmara de Palmela, ou ainda das carências da nossa terra. Das crianças, das mulheres, dos reformados, dos preços das coisas, dos salários em atraso, do prédio que caiu, dos desastres,

das mortes, dos assaltos, ou da próxima festa da Atalaia. Mas é isto, assim... O Pinhal Novo é já um mundo que não se resume em meia dúzia de palavras.

neste número:

**ANTÓNIO
SÉRGIO**

página 3

**LOTEAMENTOS
ILEGAIS**

página 8



Da esquerda para a direita: António da Silva Costa, Américo Oliveira Valente e José da Cruz Coelho, conhecido por José Marques. São membros da Comissão de Moradores do Terrim. Outros membros que não estavam presentes na altura: Hermenegildo Alegria Ermida, Adelino Oliveira Alexandre Santos, Alexandre Jorge Valente, Rogério Canastra, Joaquim Miranda Rosa Plácido, Manuel Bota e José Ferreira Dias

CULTURA

também se consome...

Álvaro M. Balseiro Amaro

(...) Na verdade, a cultura, alimento espiritual, é tão importante como a carne, o peixe, os legumes, etc...

Se estes últimos são necessários para a nossa sobrevivência, também a cultura é importante para determinar a nossa forma de existir e saber **estar no mundo**.

Geralmente, a cultura assume formas pouco esclarecedoras e pouco acessíveis (quer científica, quer economicamente) para o **cidadão** comum. Todavia, por vezes existem manifestações culturais acessíveis e particularmente interessantes, que não devemos perder.

Assim, uma das que deve fazer parte dos nossos planos é a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, que tem como tema **Os Descobrimientos Portugueses e a Europa do Renascimento**, assumindo um papel importante na divulgação das componentes da nossa identidade nacional.

Curiosamente, temos no nosso Concelho, uma Exposição que se integra na referida iniciativa, a decorrer até ao final do Verão. Trata-se de **O Astrolábio 1555**, que está patente ao público no maravilhoso espaço que constitui a capela do Castelo de Palmela e que consiste numa amostra de ourivesaria portuguesa, desde os joalheiros da coroa, até aos artesãos de ourivesaria contemporâneos. **Astrolábio** é o nome de um aparelho astronómico que remonta à antiguidade clássica e que, após modificações, viria a tornar-se o **Astrolábio Náutico** português, muito utilizado na época dos Descobrimientos. Certamente, foi este o motivo que levou os organizadores do certame a utilizar esse termo para identificar um dos núcleos



da XVII Exposição. Note-se que os visitantes têm oportunidade de ver **ao vivo**, a construção de miniaturas em prata do dito aparelho, que são comercializadas na boutique da Exposição por alguns milhares de escudos (e iguais em preço!) (...) Mas depois do **Astrolábio 1555** continue a sua viagem e, em Lisboa, não deixe de visitar o Mosteiro da Madre de Deus, a Casa dos Bicos, o Museu Nacional de Arte Antiga, o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém (também núcleos da XVII); verá então que será uma **refeição de cultura** muito racional (útil) e nunca esqueça que **quanto mais conhecemos, mais horizontes encontramos por conhecer**.

Boa digestão!

Académica Pinhalnovoense

29.º aniversário

Maurício Teixeira

No passado dia 10 de Junho reuniram-se os antigos praticantes deste **clube popular** com o objectivo de comemorar mais um aniversário da sua fundação.

Para tal foi acertado um jogo com os sobreviventes do Real Futebol Clube, seguido de um almoço no restaurante 'A Rosca'. Mais que o facto de somar ano após ano, este acontecimento anual tem como propósito reunir periodicamente uma geração que as vicissitudes da vida separaram. É tempo de um compas-

so, de um olhar para o horizonte já algo longínquo da nossa meninice. É tempo de reflexão por aqueles que cessaram viagem. É encontro com a nossa própria insignificância. É balanço do que vamos construindo. É, sobretudo, manifestação vital de coexistência daqueles a quem unem as afinidades próprias de quem percorreu junto os caminhos da juventude.

É ganhar um dia à mediocridade do nosso quotidiano.

Dadores de sangue dar hoje para ter amanhã

Com a recolha de sangue de 21/5/83, a terceira a que o Grupo de Dadores da Coopinhal procede em estreita ligação com o Instituto Nacional de Sangue, aumentou para 40 o número de **heróis** que não temem morrer por dar umas gotas do precioso líquido que pode salvar vidas, as vidas que nos são mais queridas.

Sabemos que muitas pessoas não compareceram ainda na hora da recolha por manifesta impossibilidade. Mas há outras que precisam de um pequeno **empurrão**. Lembrem-se de que é na hora da desgraça que é mais difícil andar a pedir a este e àquele com o coração nas mãos o sangue que se precisa. Coloquemos também o ideal cooperativista ao serviço da protecção da vida dos que nos são queridos.

Damos a seguir os nomes dos quarenta dadores para que as pessoas que tenham dúvidas falem com eles e se convençam a engrossar o número dos membros do grupo.

José Maximino Jorge Maçariço; António Augusto Lima Félix; Manuel Martins de Jesus Rosen-

do; José Manuel Simões; Carlos Alberto Simões; António Caetano Correia; João Manuel Serrinha Sim-Sim; Aníbal Guerreiro de Sousa; Domingos Caçoete Romão; António Manuel Gomes da Costa; Francisco da S. Oliveira; António Candeias; Joaquim Pires Martins; Eduardo J. Santos Costa; Margarida A. N. Costa; Maria Isabel Menúria Coelho; António Vitorino Delgado; Fernando M. S. Brás; Osvaldo da Silva Dias; Armando Augusto Dias; Francisco Caçoete Romão; João Borges do Rosário; Maria Elizabete Dias; João da Silva Delgadinho; José dos Santos Ferreira; Florival Emílio Cabrita; Maria Virgínia B. Estrela; António Rui P. Valente; Maria do Carmo Pinto; Simão António Condeço; Albino Vera; Manuel Florentino da Silva; Maria Eugénia G. S. Cabrita; Graciete Guerreiro Cabrita; Abílio José Cabrita; António Belo Farto; João Carlos Pardal Feijão; Edite Domingos Neves; Maria Faustina Salvador Nicolau e António Francisco Rodrigues.

A todos um grande abraço de solidariedade.

CONCURSO DE FOTOGRAFIA DO CONCELHO DE PALMELA

A Câmara Municipal de Palmela vai promover um Concurso de Fotografia subordinado ao tema do **património cultural do Concelho** — monumentos, a terra as gentes e a paisagem.

As fotografias deverão ser a preto e branco no formato único de 24 x 30. Cada concorrente poderá submeter até cinco trabalhos. A data limite para recepção das fotografias é o dia 1/8/83,

uma vez que os exemplares vitóricos serão expostos durante a próxima Festa das Vindimas. Há prémios de participação para todos os concorrentes. No entanto, haverá ainda três prémios especiais para amadores (15, 10 e 5 contos) e outros três para profissionais (25, 20 e 10 contos). Todos os trabalhos admitidos a concurso ficarão sendo propriedade da Câmara que os poderá utilizar como queira.

FOLCLORE NACIONAL NA PALHOTA

O Rancho da Palhota/Venda do Alcaide organizou para o dia 10/7/83 o seu 1.º Festival Nacional de Folclore. Além dos Ran-

chos da região, foram convidados cinco grupos representativos de vários pontos do país. Falaremos disso no próximo número.

linha do sul

Propriedade

Cooperativa de Consumo Popular Pinhalnovoense CRL

Colectivo de Redacção e Produção

Armando Dias, Jorge Balixa, José Manuel Simões, Marcelino Carvoeira, Alberto Valente, António Simão e Augusto Mateus

Director

Aníbal de Sousa

Redacção e Administração

Rua Gago Coutinho e Sacadura Cabral, n.º 1 - Pinhal Novo
2950 Palmela - Telex: 236 10 15

Fotocomposição e Impressão

Proença - Cooperativa Operária de Artes Gráficas, CRL
Rua da Saudade, 6-8 - 1100 Lisboa

Tiragem deste número:
2000 exemplares

ANTÓNIO SÉRGIO

O Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações (1)

Iniciamos aqui a publicação de uma série de extractos do "Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações", de António Sérgio (1). Trata-se de um título que hoje está praticamente esquecido, talvez por ser considerado como um trabalho menor dentro a imensa e importantíssima obra do autor.

Também é verdade que algumas das ideias expressas neste livro, ou foram ultrapassadas pelo tempo, ou chegaram mesmo a ser corrigidas pelo próprio António Sérgio. Mas naquilo que é mais importante, ou seja, na crítica do sistema

capitalista e na busca de uma alternativa pacífica, o "Pátio das Comédias" mantém ainda grande frescura e interesse. Pensamos que isso justifica plenamente este nosso reencontro com o genial pensador que foi António Sérgio, agora que se celebra o 1.º centenário do seu nascimento.

Uma palavra, ainda, de agradecimento à Livraria Sá da Costa Editora, por, de forma muito amável, nos ter autorizado a realizar este trabalho.

(1) Jornada primeira — Lisboa, 1958. Editorial Inquérito.



O Actor que recita os Prólogos aparece vestido de capa e batina, à maneira usada pelos escolares de Coimbra. Sob o tablado do Pátio. E diz ele assim:

O ACTOR. — Queridos Amigos! Calu doente a nossa actriz principal. Hoje, por isso, tenho eu de vos entreter durante o tempo todo, e o nosso Pátio das comédias funcionará como Pátio das pregações. Ou das palestras, se assim o quiserdes. Sabei que o tema que escolhi para esta noite é dos mais discutidos e dos mais momentosos. É sobre Democracia que vos vou falar.

UM OUVINTE. — Cáspite, declamador dos Prólogos! Em grande gorgulhido nos vais tu meter! Pois seja. Mas começa por dizer-nos que entendes tu por esse termo.

O ACTOR. — Aceito, respeitável ouvinte, e proponho de entrada este esboço breve: é, sob o ponto de vista político, o regime em que são fiscalizados os Governos pelos representantes da opinião pública, e em que os representantes da opinião pública votam as bases das futuras leis (sob um conjunto de garantias rigorosamente determinadas), buscando por aqueles processos a progressiva igualização das condições dos homens e o avanço para uma estrutura de sociedade justa, onde não exista a distinção de classes fundada na maneira como se auferem réditos. Notai que os fiscalizadores e legisladores, para os partidários do ideal democrático, não podem ser representantes de quaisquer classes. E porquê? Porque os partidários do ideal democrático, com efeito, desejam o esmaecer das distinções de classe, o das incompatibilidades ou oposições de interesses, e porque os representantes das classes económicas exprimem a vontade de cada uma delas, e não, ao cabo, a **vontade geral**. Os interesses de uma profissão qualquer, no vigente regime de compra-e-venda (regime que os

progressos da ciência e da técnica, criando a possibilidade de abundância para todos, já nos apresentam como coisa obsoleta), os interesses económicos de qualquer profissão, ia-vos eu dizendo, são antagonísticos dos interesses das outras; e acima dos representantes das diferentes classes, que desejam decisões que se contrariam, deve pois existir um juiz e árbitro, que é o representante do interesse geral, da **vontade geral**. No plano económico, um indivíduo só actua segundo a vontade geral quando procede na qualidade de consumidor ou usuário, e não na qualidade de produtor de bens.

UM OUVINTE. — Lá vens tu com o Rousseau, o da «vontade geral»! Onde isso foi dar... sabe-mo-lo todos, co'a breca!

O ACTOR. — É certo que essa ideia da vontade geral foi obscuramente exposta pelo João-Jacques Rousseau, que todos os oponentes do ideal democrático criticam em tom de triunfo e de mofa, como se a noção de vontade geral, seguida pelos partidários da democracia autêntica, devesse ser por necessidade a noção do João-Jacques, decerto imperfeita, e não o conceito que nos preparou um Kant, conceito que nos pode levar à clareza: (...) «procede de tal maneira que a razão do acto que praticas se possa erigir em lei geral, universal». Vontade geral é a que nos é inspirada pelo princípio de universalidade que existe em nós.

UM OUVINTE. — Está bem, convenceste-me. (...) Mas não te fiques nas teorias. Vamos nós à prática!

O ACTOR. — Passando, como queres, para o campo da prática, creio que consiste o problema político em seleccionarmos experimentalmente entre vários meios possíveis, a fim de obter fiscalizadores dos governos, videntes das bases da legislação futura, o mais possível animados de **vontade geral**. Para isso,

uma das primeiras e essenciais condições é que eles não surjam nas assembleias políticas como representantes de classes de produtores e de intermediários: porque os interesses de produtores são divergentes entre si, e todos divergentes dos do indivíduo como consumidor: ao passo que o interesse do indivíduo como consumidor é que é o seu interesse verdadeiramente **geral**. Só uns tantos dos cidadãos são produtores de trigo, moageiros, padeiros, criadores de gado, fabricantes de tecidos, construtores civis, tipógrafos, etc., etc., constituindo classes profissionais definidas, com interesses próprios, no sector capitalista da economia; todos somos, porém, consumidores de mantimentos e de vestes, e todos, como consumidores, desejamos concordemen-

te as mesmas providências, os mesmos objectivos, as mesmas leis. Os membros do Parlamento, vistos à luz de um critério económico, devem ser representantes dos consumidores — digo dos consumidores como consumidores — cujo interesse e vontade se podem dizer gerais. Pelo contrário, os interesses das corporações são sempre particulares. (...)

Os democratas (...) desejam um regime em que o progresso da técnica permita que a abundância se generalize a todos, em que não surjam monopólios, em que não haja sobrelucros, em que se reforce em todos a sua **vontade geral**.

No próximo número o ACTOR explicará o seu conceito de Democracia Cooperativa.

Poetas da nossa terra

hoje: Rosélia Palminha

DE MÃOS CAÍDAS

Vivo só
Na repercussão
Dos tempos
E da multiplicação
Dos factos
Vivo na constante
Duma revolta
Que existe
Em mim
E no mundo dos outros
Vivo na inconstante
Duma
Não certeza
Dum dia
Sempre não repetido
Esperando o fim
Desta geração
Sempre em perigo

Moradores do Terrim constroem Escola

(Continuação da pág. 1)

Quando foi inaugurada a rede eléctrica local os moradores fizeram uma grande festa. A certa altura, como não podia deixar de ser, foram ditas aquelas palavras que sempre se dizem em ocasiões semelhantes. Mas a surpresa e a emoção aconteceriam quando um casal de 70 anos, o Sr. José Marques e a Sr.ª Mariana, filhos do Terrim, anunciaram que ofereciam à Câmara e à Comissão o terreno que fosse preciso para fazer uma Escola. Edgar Costa, o então Presidente da Câmara Municipal de Palmela, contrapôs imediatamente à dádiva do terreno a oferta de todos os materiais necessários à obra.

"Duas grandes dificuldades estavam superadas como por encanto", — pode ler-se num documento divulgado pela Comissão de Moradores do Terrim — **"uma ficava: a verba para a mão-de-obra, e esta era da responsabilidade da Comissão de Moradores. Havia que tomar ânimo"** — prossegue a narrativa — **"e arrancar com a obra o mais urgente possível. E assim fizemos ao longo destes quase dois anos. A nossa obra tem vindo a crescer e hoje já se encontra na fase de rebocos e acabamentos. O seu final já não está longe e para isso tem contribuído toda a boa vontade e ajuda das populações do Terrim e restantes locais da nossa Freguesia que, com dias de trabalho oferecidos, ou vindo aos nossos bailes e oferecendo prendas para serem rematadas, ou comprando as prendas rematadas, têm dado fundos suficientes para esta Comissão conseguir garantir a mão-de-obra necessária."** E a Comissão de Moradores do Terrim termina o seu historial com um agradecimento e um apelo:

" — A todas as pessoas que se têm deslocado ao Terrim com o intuito de nos ajudar,

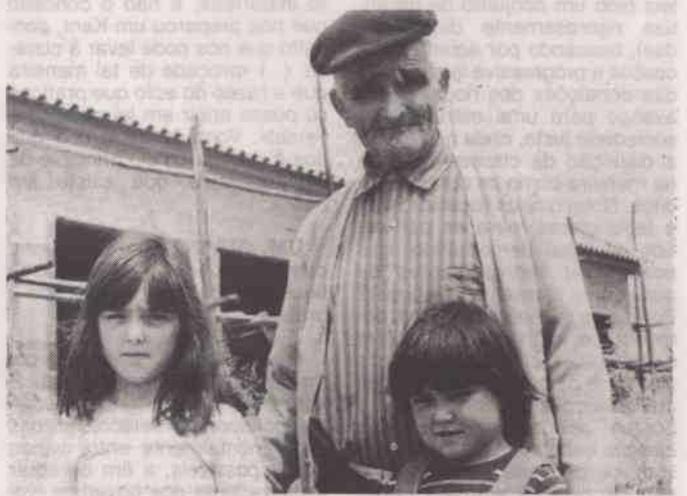
presta esta Comissão em nome de toda a população do Terrim e especialmente em nome de todas as nossas crianças, uma viva homenagem e um grande obrigado pelo carinho e boa vontade com que sempre nos têm ajudado, esperando continuar a merecê-lo em todas as iniciativas próximas. Para aqueles que nunca vieram à nossa terra, vai um convite amigo desta população e desta Comissão: vem aos nossos bailes. As entradas são sempre grátis. Ninguém é obrigado a contribuir com nada. Para nós a presença de pessoas de outras zonas é já por si maravilhosa. Dá-nos força sabermos que a nossa obra é conhecida por todos."

Não se sabe ainda se a Escola do Terrim poderá começar a funcionar já no próximo Outubro. Isso poderá depender de algumas decisões urgentes e de alguns contactos de última hora. O que se sabe é que as crianças da região terão em breve a sua Escola.

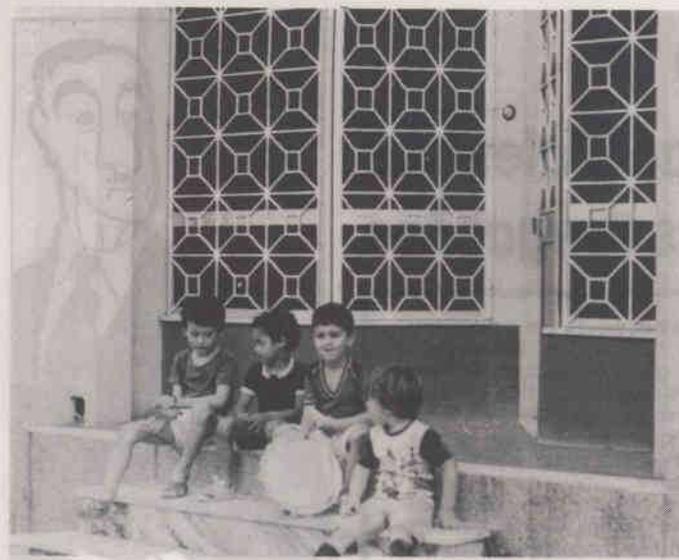
Para algumas cessará o martírio das grandes caminhadas para as Escolas de Pinhal Novo ou da Lagoinha.

E depois da Escola outras tarefas se colocarão à Comissão de Moradores do Terrim. Há que construir ali uma terra à altura das pessoas que lá vivem. É preciso abrir caminhos e levar a água e a luz a todo o lado. Esgotos e recolha de lixo. Será necessário também um Clube Desportivo ou uma Colectividade de Recreio. E é necessário proteger o arvoredado que ainda resta e as linhas de água. E é preciso evitar a todo o custo que os loteamentos ilegais e selvagens venham alterar o equilíbrio da região, inquinando as águas e destruir a paisagem.

As páginas de "Linha do Sul" estarão sempre ao dispor da Comissão de Moradores do Terrim, para divulgar as suas iniciativas, os seus apelos ou as suas opiniões.



Lina Maria de 7 anos e Ivone de 5, com o avô José Marques. No tempo dele não havia escolas. Agora as netas terão um futuro diferente. Elas e as outras crianças do Terrim vão receber a mais maravilhosa de todas as heranças: uma Escola!



O Centro de Ocupação Infantil não pára de crescer

Com a abertura de um novo e amplo espaço onde as crianças, devidamente orientadas, se podem dedicar a actividades que vão da modelagem à horticultura, da carpintaria à criação de pequenos animais, passando por pintura, tecelagem, etc., e inclui um pequeno auditório, o Centro de Ocupação Infantil de Pinhal Novo dá mais um grande passo em frente na sua fecunda, embora breve, existência.

Frequentam actualmente o Centro, 37 crianças dos 6 aos 11 anos, em regime de ATL (Actividades de Tempos Livres), mais 40 dos 4 aos 6 anos em regime duplo, ou seja, todo o dia. As crianças em regime de ATL pagam uma mensalidade que oscila entre 600\$00 e 900\$00. As outras pagam uma mensalidade de 1050\$00 por cada período do dia. Um ciclo de refeições completas, incluindo pequeno almoço, almoço e lanche, custa no Centro 82\$50. As ementas são óptimas e a gestão do refeitório modelar. Tanto que serve de exemplo a outros estabelecimentos semelhantes da região.

O Centro de Ocupação Infantil de Pinhal Novo é neste momento gerido por uma Comissão Instaladora composta por Carlos Talleo, Maria Joaquina Barata, Fernando Rodrigues, Joaquim Ferreira Dias e Olímpio Carapinha. O orçamento já aprovado para o ano de 1983 prevê despesas que ascendem a 4200 contos, incluindo as remunerações de oito trabalhadores permanentes. Do ponto de vista administrativo e financeiro, o Centro depende do Ministério dos Assuntos Sociais e relaciona-se com o Centro Regional de Segurança Social do Distrito de Setúbal, embora tenha vindo também a receber subsídios das autarquias locais.

As actividades do Centro são muito bem planeadas do ponto de vista funcional como do ponto de vista pedagógico e incluem frequentes excursões, passeios e visitas a diversos locais com interesse para as crianças. Regis-

te-se ainda a prática regular da ginástica em sessões dirigidas pelo Alberto Rosa nas instalações dos Bombeiros Voluntários de Pinhal Novo.

O Centro de Ocupação Infantil comemorou durante todo o mês de Junho, o seu 2.º aniversário. Do programa, além de sessões de pintura e modelagem, abertas a todas as crianças e uma exposição desses trabalhos patente nos dias 18 e 19 de Junho, constava um sarau de ginástica nos Bombeiros, seguindo-se a passagem de um filme infantil.

Na hora do 2.º aniversário do Centro, a Comissão Instaladora reafirma a sua disponibilidade para apoiar a eventual criação de uma nova dependência no lado Sul de Pinhal Novo, bastando para isso que os interessados se organizem.

O Centro de Ocupação Infantil funciona num dos prédios da urbanização Sul-Ponte, na Fonte da Vaca, em instalações próprias, ainda que não totalmente pagas. Há, no entanto, um subsídio de 3.000 contos, que já tarda, prometido pelo Ministério dos Assuntos Sociais. Quando ele chegar, poderá colocar o Centro numa situação financeira mais favorável, permitindo-lhe realizar obras de conservação e melhoramento. Poderá mesmo pensar-se na construção de um edifício próprio.

As instalações do Centro, são, no entanto, bastante simpáticas e merecem bem uma visita. Podemos mesmo prometer a quem quiser visitar o Centro de Ocupação Infantil, além de um acolhimento amigável, uma muito agradável surpresa.

LEIA
ASSINE E
DIVULGUE

linha do sul

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

Uma entrevista Linha do Sul com a colaboração de Maria de Brito



1 — São conhecidas as suas frequentes referências a uma nova ordem cultural e socio-económica a nível internacional. Nessa nova ordem, que lugar pensa que poderá caber ao movimento cooperativo?

"A NOEI (Nova Ordem Económica Internacional) implica uma mudança de perspectiva, quer **na ordem externa** (relações entre os países ricos e os países pobres que alterem a crescente exploração de uns pelos outros) quer **na ordem interna** (na estrutura económica de cada país, mudança de sistema económico baseado exclusivamente no tipo de desenvolvimento industrial e dos modelos ideológicos que lhe dão sentido).

O movimento cooperativo, sendo desde já um tipo de relação económica e social baseada na cooperação para um fim comum, implica um princípio de auto-organização e de autogestão, cujo sentido advém do tipo de relações sociais que se estabelecem em torno de um objectivo.

Por isso o movimento cooperativo é já em pequena escala uma experiência em que a NOEI pode ser, e muitas vezes já é, explicitada."

2 — Como lhe parece que o Cooperativismo é visto hoje no plano mundial pelos poderes públicos e pelos mais importantes organismos internacionais?

"Nesta questão há dois tipos de campos a clarificar: o primeiro refere-se aos organismos inter-governamentais, o segundo refere-se às organizações internacionais não governamentais de ajuda ao Terceiro Mundo.

No primeiro caso os poderes públicos situam-se muito mais ao nível das formas sociais das estruturas produtivas. Por isso o cooperativismo é praticamente metido entre parêntesis pelos poderes públicos quando funcionam a nível internacional.

No segundo caso há uma clara opção por estabelecer ligação e apoio directo a cooperativas locais. Só assim a ajuda técnica e/ou económica pode ser outra coisa do que simples paternalismo, sendo antes fruto de um enriquecimento recíproco das partes envolvidas. De facto, no Terceiro Mundo há muitas vezes condições objectivas que permitem formas de associação e de trabalho alternativos aos países ditos desenvolvidos. O valor dessas experiências pode ser partilhado tanto pelo Norte como pelo Sul, de forma mais igualitária."

3 — Acha que as figuras e as instituições políticas portuguesas têm sido sensíveis aos projectos e às propostas do movimento cooperativo nacional e estão devidamente informadas das suas realizações e potencialidades?

"Muito antes do 25 de Abril, o pensamento do António Sérgio marcou o início e os primeiros avanços do movimento cooperativo português. Após um longo período de inércia forçada, assistimos desde o 25 de Abril a um florescimento de cooperativas. Muitas delas com uma vida efémera e acidentada, em parte por dificuldades de ordem legal, em parte por dissensões ideológicas internas.

Se as cooperativas agrícolas sofreram o destino das várias fases do que se chamou a reforma agrária, as cooperativas de consumo tiveram melhor sorte. Pouco a pouco foi-se solidificando uma mentalidade e uma estrutura legal que abrem perspectivas ao desenvolvimento do movimento cooperativo.

O espírito cooperativo começou a manifestar-se nos últimos anos em sectores não directamente ligados à produção e ao consumo, ganhando assim uma dimensão cultural que beneficiará certamente todo o movimento cooperativo. É o caso das coope-

rativas de ensino, de teatro, de música, etc...

Se legalmente existem os mecanismos necessários e as pessoas têm iniciativa, poder-se-á perguntar por que razão não há mais empreendimentos dentro do espírito cooperativista? Julgo que a razão política fundamental é a excessiva polarização ideológica estabelecida entre a iniciativa privada e o sector público. Essa polarização não só impediu a delimitação de sectores de ser tratada pela forma científica e técnica adequada mas marginalizou, de facto, o movimento cooperativo.

É claro que as cooperativas têm também que se impôr por elas mesmas e de algum modo "forçar" as autoridades competentes a darem-lhes apoio."

4 — Pensa que o movimento cooperativo se poderá fortalecer e expandir rapidamente em Portugal? Que será necessário para isso?

"Para que o movimento cooperativo se fortaleça em Portugal será sem dúvida necessário que exista um mínimo de estabilidade política e de objectivos claros e modernos quanto à recuperação

económica. Isto significa que a economia e o aproveitamento dos recursos nacionais têm que ser pensados aproveitando todas — mas mesmo todas — as suas potencialidades.

É importante igualmente que as pessoas estejam despertas para a actividade cooperativa. Isso supõe uma gradual mudança de mentalidades, fazendo prevalecer a solidariedade sobre a concorrência, o associativismo sobre a competição. E isso quer dizer que se vença o individualismo o que é a maior de todas as batalhas.

Penso que a expansão do movimento cooperativo depende muito da imagem de credibilidade em termos económicos que possa transmitir. Se as cooperativas forem um sucesso, é natural que haja mais gente que se interesse pelo movimento."

5 — Gostaria de complementar este questionário com uma mensagem aos nossos leitores e aos cooperativistas em geral?

"Apenas isto: temos nas nossas mãos capacidades e talentos para, de formas organizadas, criarmos uma sociedade melhor.

O movimento cooperativo é uma destas formas. Usemo-la, pois, para que a sociedade, mais enriquecida e mais viva através dos esforços conjuntos das pessoas em cooperativas, possa dar ao Estado português as condições necessárias para se impôr como nação de oito séculos e como povo verdadeiramente independente."

Quem é

Maria de Lourdes Pintasilgo?

Maria de Lourdes Pintasilgo nasceu em Abrantes em 18 de Janeiro de 1930. Sempre brilhante nos estudos, formou-se em engenharia química em Lisboa em 1953. Frequentou estágios diversos no domínio de temas como Tecnologia Química (Lisboa), Investigação Industrial (Génova, Francfort e Columbus-Ohio) e Gestão Operacional (Paris). Desenvolveu estudos autodidactas nos campos da Antropologia, da Sociologia e da Teologia.

Foi presidente da Pax-Romana, movimento internacional de estudantes católicos (1956-58) e foi a responsável pelo arranque no nosso país do primeiro movimento feminino — o Graal — de que viria a ser vice-presidente internacional (1966-69). Foi Procurador à Câmara Corporativa na Comissão de Política e Administração Geral (1969-74).

No Primeiro Governo Provisório saído do 25 de Abril, ocupou a Secretaria de Estado da Segurança Social. Foi depois responsável pela pasta ministerial dos Assuntos Sociais no Segundo e no Terceiro Governos Provisórios. De 1975 a 1981 foi Embaixadora de Portugal junto da UNESCO, de cujo conselho executivo fez parte de 1976 a 1980.



Em 1979 assumiu a chefia do V Governo Constitucional e em Junho de 1983, foi nomeada conselheira da Universidade das Nações Unidas em Tóquio.

É autora de diversos livros e inúmeros artigos, conferências e publicações sobre temas relacionados com a mulher, com a ordem política e a história recente de Portugal e com a vida internacional, o desenvolvimento e a cultura.

Goza de um enorme prestígio internacional que lhe advém da expansão dos seus trabalhos e da sua destacada participação em grande número de seminários, assembleias ou congressos mundiais.





O António Simão à chegada ao aeroporto. A esperá-lo seus pais e dirigentes da Coopinhal

• **Augusto Oliveira Santos** é o novo representante da Coopinhal nos Corpos Sociais da Fenacoop. Recorde-se que no III Congresso Nacional das Cooperativas de Consumo, realizado em Janeiro último em Lisboa, a Coopinhal foi eleita para o lugar de Secretário da Direcção. Esse lugar tinha sido provisoriamente desempenhado pelo Armando Dias, cuja vida particular e profissional impedia de assegurar aquela função permanentemente. Augusto Oliveira é sócio da Coopinhal residente em Lisboa e trabalha numa cooperativa de produção operária, o que o credencia como um homem do cooperativismo. Nos próximos números ele falar-nos-á regularmente das actividades da Fenacoop.

• **Da Guiné Bissau** recebemos em 30 de Junho último, a visita de João Baptista Lopes Rodrigues, Director da Secretaria de Estado dos Combatentes da Liberdade da Pátria — Cooperativa de Formação, Orientação Profissional e Emprego. Vinha acompanhado do José Nascimento da Fenacoop e foi recebido pelo Gomes da Costa e pelo Osvaldo Dias e pelo presidente da Direcção, Francisco Romão. Presentes ainda outros membros da Direcção, trabalhadores e, evidentemente, pelo nosso jornal.

• **Dêem uma Oportunidade à Paz**, festival marcado para fins

de Julho em Tróia, mereceu o apoio expresso da Direcção da Coopinhal. A decisão foi tomada em reunião de 17/6/83 e respondia a um pedido nesse sentido da respectiva comissão organizadora, revestindo apenas o aspecto da solidariedade pura.

• **Do Clube Desportivo Pinhalnovoense**, em carta assinada por Mário Jorge, os novos dirigentes apresentaram cumprimentos à Coopinhal.

• **O António Simão** regressou da União Soviética no passado dia 28/6/83, após uma estadia de nove meses durante os quais frequentou com excelente aproveitamento o Curso de Gestão e Organização Cooperativa no Instituto Cooperativo de Moscovo.

• **Os profitos distribuídos** pelos associados da Coopinhal, durante o mês de Junho de 1983 ascenderam a 12.642 contos o que relativamente a igual mês de 1982 — 10.111 contos — representa um aumento de 25%, o que, diga-se, não é grande coisa. Em termos acumulados, o 1.º semestre totaliza 72.733 contos, ou seja, 27% mais do que os 57.239 contos de igual semestre do ano passado. A baixa percentagem de evolução das vendas pode atribuir-se à brutal subida dos preços e também à crise salarial que se vive na CP, na Lishave e noutras empresas onde milhares de trabalhadores têm os seus salários em atraso.

• **A Cooperativa Agrícola União Novense** marcou a sua Assembleia Geral para alteração dos Estatutos para o dia 16/7/83, 1.ª convocatória, e 6/8/83, 2.ª convocatória. O início será às 21 horas e os trabalhos decorrerão no Auditório da Coopinhal.

• **A Riocoop** — Cooperativa de Consumo de Rio Tinto — Gondomar, abriu a sua terceira loja. A inauguração ocorreu em 2/7/83, Dia Mundial do Cooperativismo.

• **Em Palmela** a Cooperativa de Consumo de S. João tem as contas de 1982 devidamente aprovadas. O Parecer do Conselho Fiscal, datado de 13/1/83, aconselhava a aprovação do Relatório da Direcção e concluiu que "...Os resultados obtidos são fruto duma correcta gestão económica-financeira que deverá continuar a manter-se." Em 1982 a Coop-São João distribuiu 40.436 contos de produtos e registou um resultado positivo de 1785 contos.

• **A Fundação Azêdo Gneco** vai organizar um Seminário sobre contabilidade destinado aos contabilistas e outros trabalhadores da área administrativa das cooperativas. Os custos serão totalmente suportados pela Fundação. A data de encerramento deste jornal não era ainda conhecida a data do seminário.

• **O terreno da Coop-Lisboa** foi registado em 29/6/83 em regime de cirelo de superfície por 25 anos. São 7.600 m² na área do Bairro Padre Cruz. Esta e outras informações foram anunciadas durante a Reunião de Fundadores ocorrida em 24/6/83.

• **A Assembleia Geral de Aderentes** à Coop-Lisboa ocorreu em 3/7/83. Tratava-se de proceder à eleição da nova Comissão Instaladora e de redefinir as suas atribuições. Daremos notícias no próximo número.

• **O 61.º Dia Mundial do Cooperativismo** foi comemorado em Lisboa com um colóquio na Cabiocoop em 2/7/83 e com um almoço de confraternização em 3/7/83, na Feira Popular, onde se desenrolaram ainda outras actividades relacionadas com o tema.

• **A FINCOOP** — Federação Nacional das Cooperativas de Produção Operária, na sua Assembleia Geral de Junho, aprovou um documento em que se reclama do Governo o Estatuto de Parceiro Social para o Movimento Cooperativo. Recorde-se que em 13/4/83 o Parlamento Europeu de Estrasburgo aprovou uma resolução que passa a considerar o Movimento Cooperativo como interlocutor permanente das instituições da Comunidade Económica Europeia para todas as questões económicas e sociais. O Relatório do Movimento Cooperativo que deu origem aquela resolução tinha sido apresentado pelo deputado socialista alemão Karl-Heinrich Mihr.

• **O 58.º Congresso** da Federação Nacional das Cooperativas de Consumo de França, decorreu em Aix-en-Provence nos dias 8, 9 e 10 de Junho. A propósito deste Congresso será curioso recordar-se que em Portugal ainda vamos no 3.º.

• **A Alccoop** — Cooperativa de Consumo de Alcochete tem novos dirigentes desde o passado dia 30 de Abril. E o seguinte o novo elenco: **Assembleia Geral** — Presidente — António Godinho; Vice-Presidente — Caetano Catalão; Secretário — António Tiago; **Conselho Fiscal** — Presidente — António Braz; Secretário — António Galamba Colaço; Relator — Eduardo dos Santos e Suplente — António Lérias; **Direcção** — Presidente — José da Silva Oliveira; Vice-Presidente — Ricardo Custódio; Secretários — Joaquim Madruga Pinto, Paulo Gouveia e Armando Quelhas; Tesoureiro — Domingos Castanheira de Matos; Vogais — José Luís Leitão, Joaquim Taitete e António Verga; Suplentes — Mário Branco, José António Ferreira e Manuel Loureiro.

Na mesma Assembleia foi aprovado o Relatório da Gerência de 1982. No ano passado a Alccoop vendeu 24.925 contos e registou um resultado líquido de 200 contos. A situação financeira da cooperativa é francamente boa neste momento. O que é preciso agora é crescer mais um bom bocado. Vamos a isso!

PODER LOCAL

A Assembleia Municipal reuniu em 24 de Junho último solidarizou-se com a realização do festival "Dêem uma oportunidade à Paz" a realizar no fim de Julho em Tróia. Foi ainda votada uma moção de louvor e confiança à Câmara Municipal a propósito da sua actuação no caso do Pinhal das Formas. Todos os deputados de todas as forças políticas votaram favoravelmente esta questão, excepção feita para o PSD que se absteve.

Também a Assembleia de Freguesia de Pinhal Novo reunida em 28/6/83 aprovou uma moção semelhante, mas neste caso a votação favorável foi unânime (13 APU, 4 PS e 2 PSD). Foi ainda votado o aumento dos preços do terreno do mercado mensal e eleito Manuel Neto para o lugar deixado vago no executivo da Junta por Joaquim Ricardo, em comissão de serviço em Cabo Verde.



João Baptista Lopes Rodrigues da Guiné Bissau com José Nascimento da Fenacoop e cooperativistas de Pinhal Novo

Açúcar e produtos açucarados *

A alimentação é uma coisa ao mesmo tempo simples e complicada. Para se estar em forma é necessário moderar o consumo de gorduras, de açúcar, de sal, de álcool e comer em quantidades razoáveis um pouco de tudo, utilizando diariamente espécies de todos os grandes grupos de alimentos. A quem não se recorde do que são os grupos alimentares, recomendamos a releitura da série de artigos que publicámos, nestas mesmas páginas, sob o título 'Aprenda a nutrir-se com uma alimentação racional'.

É, de resto, na sequência desses artigos e de outros que temos vindo a publicar sobre aspectos parcelares da alimentação, que apresentamos hoje algumas considerações sobre o açúcar e os alimentos açucarados.

Calorias "vazias"

O açúcar é o mais refinado dos actuais produtos alimentares e deve ser considerado mais um adoçante (edulcorante), do que um alimento, embora o seu consumo em menos de um século tenha atingido considerável importância, tanto simples como incorporado em produtos de pastelaria e bebidas. Por ser formado só por sacarose, açúcar que no organismo, por digestão no intestino, dá glicose e frutose, não fornece mais do que energia — nem proteínas, nem gorduras, vitaminas, minerais ou celulose. Por isso se diz que as calorias do açúcar são "vazias".

É doce, mas perigoso

Atribui-se ao aumento de consumo de açúcar nas populações civilizadas o aumento paralelo de muitas perturbações da nutrição, indo da cárie dentária, à obesidade, diabetes, doenças cardiovasculares e o mau funcionamento do aparelho digestivo.

A Organização Mundial de Saúde e todos os organismos encarregados de estudar a nutrição normal das populações recomendam que se consuma pouco açúcar. Fala-se em 20 gramas, por dia. Também em Portugal, onde o consumo é já de cerca de 80 gramas, por pessoa e por dia, o Centro de Estudos de Nutrição recomenda que se diminua o consumo rapidamente, até se chegar à quantidade de 30 gramas, o que dá por pessoa e por mês, cerca de 1 quilograma.

O açúcar não é indispensável ao equilíbrio nutricional. Mas não é fácil fugir ao seu gosto agradável. No entanto, é necessário moderar o seu consumo, principalmente por parte das crianças como medida cautelar de um futuro estado de boa saúde.

Açúcar, guloseimas e bebidas açucaradas tomadas descuidadamente ao longo do dia, favorecem o aparecimento de cáries dentárias. As bebidas doces, os gelados e os sorvetes têm mais açúcar do que parecem, por isso, há que ter cuidado.

Uma forma de controlar mais facilmente o consumo de açúcar é tomar os alimentos doces apenas às refeições, em lugar de os andar a 'tasquinhar' ao longo do dia.

O açúcar e o amido

O açúcar e o amido têm em comum o mesmo princípio nutritivo: a glicose. Eles fornecem, portanto, a mesma quantidade de energia e, contudo, são diferentes:

— O amido digere-se lentamente e liberta, lentamente também, a glicose no sangue (entre 6 a 8 horas);

— O açúcar digere-se rapidamente e liberta, rapidamente também, a glicose no sangue (de meia a uma hora). Se o fornecimento ultrapassa as necessidades imedia-



tas, o excesso é então transformado em gordura pelo fígado.

Os refrigerantes

Nos países evoluídos o consumo de refrigerantes tem aumentado extraordinariamente, sobretudo entre os jovens. As pessoas desabitua-se de beber a melhor das bebidas — a água natural fresca. No caso dos jovens, a preferência pelos refrigerantes tem a vantagem de os desviar do consumo de bebidas alcoólicas, mas pode ter um aspecto negativo, que é o consumo exagerado de açúcar que intervem na sua composição. Um litro de um refrigerante comum pode conter entre 70 e 100 gramas de açúcar. O problema alimentar que assim se cria apresenta o risco de conduzir à obesidade dos adolescentes e ao aumento da cárie dentária e outras perturbações da saúde mais tardias, desde o aparelho digestivo, ao coração e artérias em geral.

Os jovens e o açúcar

Tal como já fizemos com o leite, daqui dirigimos o nosso pedido às Escolas de Pinhal Novo para que nos forneçam desenhos e redacções dos nossos jovens estudantes, sobre este tema aliciante — já que é ao mesmo tempo doce e perigoso — o açúcar.

Em princípio estamos a apontar lá para Outubro, uma vez que agora estamos de férias. De qualquer modo, podemos desde já começar a pensar no assunto para que os trabalhos, depois, saiam umas verdadeiras obras-primas. Força, então.

*) Redacção apoiada em — Alimentação e Saúde, I Série, Noções Gerais sobre Alimentação — Nutrição — Saúde, edição do Conselho de Alimentação e Nutrição — Centro de Estudos de Nutrição, do Instituto Nacional de Saúde.
Apoio também de "Le Cooperateur de France" n.º B11, Junho/1983, sobre textos do Comité français d'éducation pour la santé.

Resumo

• **A Banda da SFUA** deu um concerto em Pinhal Novo em 25/6/83, uma arduada em Alhos Vedros em 26/6/83 e actuou em Fanhões em 3/7/83. Estavam, além disso previstas outras saídas, ainda sugeitas a confirmação: dia 15/7/83 — Festa Amiga, em Pinhal Novo; 17/7/83 — Setúbal; em Palmela, na Festa das Vinhas em Setembro e, também nos primeiros dias de Setembro, em Vinhais, no extremo Norte do País.

Ainda na SFUA, registo para a classe de Dança Jazz e para a iniciação à patinagem, de que havemos de falar em breve.

• **O Grupo de Teatro ATA** — Acção Teatral Artimanha (Antigo Grupo de Teatro da SFUA) legalizou-se no passado dia 28/6/83. Tratou-se de assinar a escritura de constituição, o que decorreu no Cartório Notarial de Setúbal. Conforme temos noticiado este grupo, cujos ensaios se realizam no Auditório da Coopinhal, estreia a sua nova peça "A Timidez de Cornélio Guerra" no dia 22/7/83 no salão dos Bombeiros Voluntários em Pinhal Novo. Nos principais papéis actuarão Carlos Silva, Lindolfo Paiva, Fernando Vitória, Maria José Ferro e Lina Silva. A encenação é de Elias Mourinha, a luminotécnica e a sonoplastia de Balsinha, a cenografia de Francisco Mourinha e João Filipe e os figurinos serão de Maria Eugénia e São Carrilho. A Fernanda é a anotadora, o Álvaro será o assistente de cena e a coordenação do espectáculo estará a cargo do Rui Guerreiro. Que ninguém falte à grande estreia! Estão prometidas umas boas gargalhadas, pois é de uma bela comédia que se trata.

• **Custódio de Almeida Simões**, nosso ilustre conterrâneo (neto do Filipe Custódio) foi empossado no cargo de Secretário de Estado do Trabalho do IX Governo Constitucional. Outro conterrâneo nosso — Nuno Godinho de Matos — tem vindo a apresentar na Televisão um programa sobre temas jurídicos. E já que falamos de gente famosa, teremos de citar o Alvaro Carolino, treinador do Espinho, que garantiu a permanência na 1.ª Divisão, ao lado de outro pinhalnovense, o Manuel de Oliveira, treinador do Vitória de Setúbal. De resto, fontes estatísticas que nos merecem crédito garantem que o Pinhal Novo é a terra portuguesa com maior número de treinadores de futebol da 1.ª Divisão Nacional. Valham-nos estas estatísticas!

• **A Escola Preparatória** do Pinhal Novo realizou em 25/6/83 no salão dos Bombeiros Voluntários, a sua festa de fim de ano lectivo. A parte algumas dificuldades organizativas, devemos registar o acontecimento como uma prova da grande vitalidade que a Escola já tem.

• **Cursos nocturnos** poderão funcionar na próxima época na Escola Preparatória de Pinhal Novo, se o número de interessados o justificar. As inscrições estão abertas até ao dia 20/7/83. Depois disso só com uma multa. Mas vale a pena. Pedimos aos nossos leitores que **divulguem ao máximo esta notícia**, para que os cursos possam mesmo funcionar.

• **A União Desportiva da Palhota** comemora no dia 25/7/83 o seu 6.º aniversário. Parabéns!

• **José Maria dos Santos** faleceu em 19 de Junho de 1913. Fez agora 70 anos.

Municípios de Setúbal actuam contra loteadores ilegais



Ferreira da Costa: "Olhar para o futuro desta terra".

Os presidentes dos Municípios do Distrito de Setúbal, numa conferência de imprensa realizada na Casa do Alentejo em Lisboa, em 23 de Junho último, manifestaram o seu apoio às acções desencadeadas recentemente pelas Câmaras de Palmela e Sesimbra contra loteadores ilegais.

Os autarcas puderam ainda expor aos jornalistas a situação actual de cada concelho relativamente à actividade dos loteadores ilegais e da construção clandestina que, para além das conhecidas 'heranças' do período anterior a 25 de Abril de 1974, registou um novo e espectacular surto a partir de 1981.

A intervenção do Presidente da Câmara Municipal de Palmela, Ferreira da Costa, era, sem dúvida, das que se aguardavam com maior expectativa dada a grande repercussão que tiveram as demolições verificadas no Pinhal das Formas no passado dia 30 de Maio. Ferreira da Costa começaria por dizer que: **"O Concelho de Palmela tem sido nos últimos anos objecto de tentativas cada vez mais descaradas de loteamento clandestino."**

Como casos mais evidentes e graves apontou os de Salgueirinha, Lagoa da Palha, Ferra Cinta, Vale de Touros, Pinhal da Marquesa, Cascalheira, Aldeia Nova de Aroeira, Brejos do Assa, Penalva e Pinhal das Formas. Referindo-se a este último loteamento, diria: **" — Numa área de 746 hectares de pinhal que os loteadores previamente destruíram pelo fogo (...) procedeu-se a movimentação de terras e à abertura de ruas a bel prazer de quem dirigiu as operações. Aliciaram-se os incautos à compra de lotes devidamente demarcados e com possibilidade de construção urbana. Todavia" —** prosseguiu Ferreira da Costa **"— as escrituras fize-**

ram-se em avos, como é habitual, já que a Lei não permite a venda de lotes demarcados sem a prévia aprovação do loteamento."

Logo que a autarquia detectou os primeiros indícios do loteamento ilegal do Pinhal das Formas, organizou o processo da posse administrativa, que seria declarada em Junho de 1980. Essa medida foi amplamente divulgada, sendo avisados loteadores, compradores e público em geral. Por outro lado, desde finais de 1981 que os donos das construções ilegais têm sido notificados para embargo e demolição. Infelizmente não foi acatada essa decisão. Pelo contrário, a especulação prosseguiu cada vez mais desenfreada.

Por isso **"(...) A Câmara Municipal de Palmela e com ela a Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal" —** são ainda palavras de Ferreira da Costa **"— entendeu que não era possível pactuar com tal estado de coisas. Era urgente e imprescindível uma acção concertada que não deixasse dúvidas a ninguém, por forma a poder, finalmente, abrir os olhos a quem teimosamente não quer ver (os compradores) e igualmente e sobretudo, a quem dolosamente actua contra a saúde, os bens e a qualidade de vida dos seus incautos clientes (os loteadores), procurando, pois, que a procura dos lotes clandestinos seja definitivamente banida das áreas de actuação destes municípios. Deste modo" —** concluiu Ferreira da Costa **"— e no cumprimento da decisão por todos assumida, no passado dia 30 de Maio de 1983, a Câmara de Palmela procedeu à destruição dos arruamentos existentes no Pinhal das Formas e bem assim da maioria das construções ali levanta-**

das, todas elas clandestinas."

O Presidente da Câmara de Palmela teria ainda a oportunidade de referir o trabalho de alguns órgãos de informação que dos acontecimentos do Pinhal das Formas deram uma visão errada ou distorcida. Assim, Ferreira da Costa esclareceu que a demolição das construções ilegais se iniciou às 6,40 horas e não às 3 horas da manhã. A decisão da Câmara apoiou-se no voto unânime de toda a vereação (5 vereadores APU, 1 PS e 1 PSD). Aos que difundiram o boato de que a Câmara teria alguma vez prometido urbanizar o Pinhal das Formas, foi dito que ninguém de boa fé poderia acreditar nisso, visto que nesse local está instalada uma **lixeria municipal**, além de estar previsto o atravessamento da zona por uma linha férrea (Sines-Paio Pires) e por adutoras da EPAL.

"É falso que alguém tenha ficado sem tecto ou abrigo" — garantiu Ferreira da Costa. Nenhuma construção demolida estava habitada. **"Aliás" —** prosseguiu aquele autarca **"— (...) os identificados donos das arrendações, garagens, pocilgas, barracas e habitações, residem TODOS noutros locais como Barreiro, Baixa da Banheira, Almada, Lisboa, etc."**

De resto, é claro que a esmagadora maioria das pessoas que compraram lotes no Pinhal das Formas, procurava implantar aí uma segunda residência ou 'casa de campo', para férias e fins de semana. Mas esse é um direito que todos os autarcas setubalenses afirmaram reconhecer. O que está em causa no Pinhal das Formas, para além da destruição do que foi uma frondosa mata, para além da falta de um plano que desse alguma ordem ou alguma estética ao loteamento, para além de tudo isso, é saber **quem pagaria as infra-estruturas —** arruamentos, esgotos, água domiciliária, electricidade, recolha de lixos, etc., etc.

É que tais obras, pela avaliação da Câmara de Palmela, ascenderiam a **milhões de contos**. Milhões de contos que teriam de ser subtraídos ao orçamento municipal, já de si bastante exiguo. Por este motivo se compreende que a luta contra os loteamentos selvagens seja uma tarefa da totalidade dos habitantes do concelho, independentemente da sua condição social ou das suas opiniões pessoais. O que está em causa é claro para todos. É o futuro harmonioso e próspero de Palmela, Pinhal Novo, Quinta do Anjo e demais povoações organizadas do concelho.

No decurso da conferência de imprensa foi ainda referido o nome de Xavier de Lima como sendo um dos principais responsáveis pelos loteamentos ilegais em todo o Distrito de Setúbal.

Mas o grande libelo foi dirigido ao Poder Central, à Assembleia da República e aos sucessivos Governos que, surdos aos apelos das autarquias, não souberam ainda dotar o País de um quadro legislativo e de uma correcta política de solos e de financiamento à habitação com o que se pudessem, finalmente, cortar o mal pela raiz. Mal que, entretanto, alastra por todo o lado e que, cada dia que passa, assume proporções mais graves.

Os autarcas do Distrito de Setúbal deixaram reafirmado aos jornalistas, nas palavras de Helder Madeira, Presidente da Câmara Municipal do Barreiro e também da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal, que estão firmemente empenhados na luta contra os loteadores ilegais e que irão reivindicar a todas as instâncias do poder os instrumentos necessários para fazer triunfar o tão apregoadado Estado de Direito sobre a corrupção e a ilegalidade.

A terminar, Helder Madeira, anunciou a realização das **"Novas Jornadas Nacionais sobre Loteamentos Ilegais"** em Setúbal nos dias 8 e 9 de Outubro próximo. Na sequência de um encontro semelhante realizado no Seixal em 1981, esta iniciativa pretende dar um contributo sério para o equacionamento e para a resolução do grave problema dos loteamentos ilegais e da construção clandestina. Serão dirigidos convites a todas as Câmaras do País e a todos os outros órgãos autárquicos, bem como a técnicos e especialistas, a entidades governamentais e outras relacionadas com o problema.

Será, no entanto, a opinião pública, a vontade expressa de cada cidadão, o motor decisivo para a resolução deste e de outros graves problemas que nos afligem. Como noutras situações, também para muitos é preciso ver para crer. Por isso, daqui aconselhamos vivamente os nossos leitores a reflectirem sobre o assunto e, se puderem, dêem um saltinho ao Pinhal das Formas (que de pinhal só já tem o nome) e formulem o seu próprio juízo sobre o que foi a decisão dos municípios do Distrito de Setúbal. Também uma visita aos azeiros da Salgueirinha pode ajudar a compreender toda a extensão do crime que representa o abate indiscriminado do pinhal e da mata. **Ver como 'morre' uma floresta**, pode ser o tema de uma tal excursão. Melhor, no entanto, seria **salvar enquanto é tempo a Salgueirinha**.

Que não nos esqueçamos, porém, de que nada do que se passa à nossa volta nos deve ser indiferente, já que tudo nos afecta. **Sabamos, portanto, ter opinião.**

LEIA
ASSINE E
DIVULGUE

linha do sul